

## Segunda opinião. Do que estamos falando ?

Valter Nilton Felix

É assustadora a pressão atual em favor da segunda opinião, sabe-se lá o porquê, mas são muitas as ofertas nos portais, na mídia escrita (!), nos hospitais, desde o primeiro contato com o atendimento eletrônico e mais onde se queira...

A segunda opinião é instituto tão antigo quanto a Medicina, até entre os babilônios, passando pelo Império Romano, chegando aos pagés, invadindo os mais sofisticados centros médicos do mundo de hoje. Etimologicamente deixa claro que se trata da busca da confirmação ou da contraposição de algo que desagrada ou que não convence. **A iniciativa é do paciente.** Logicamente, deve ser incontestável, proferida por alguém que mereça absoluta confiança por recomendação ou por reconhecido notório saber; ou então simplesmente, sobretudo se discordante da primeira, servirá para o semeio da indecisão.

Considerando tais preceitos, como se podem oferecer serviços de segunda opinião? Esta é prerrogativa de um indivíduo, bastante respeitado e diferenciado entre seus pares, e não mera rotina no atendimento médico! Caso contrário não demorará para cair em absoluto descrédito, sendo visada para glosa certa na apreciação das empresas seguradoras de saúde.

O que mais impressiona é a confusão estabelecida, talvez por despreparo, ou por insensatez, da segunda opinião com:

- o encaminhamento do generalista para o especialista, em defesa dos nobres direitos do paciente, de ser analisado por profissional mais habilitado. Nesse caso, **cabe ao médico atendente tomar a iniciativa** e o custeio cabe ao paciente, que vai se submeter a outra consulta;
- a consulta interpares ou interinstitucional, na verdade aprofundamento de discussão, soma de experiências, na tomada de decisão sobre problema incomum. Também aqui **a iniciativa é do médico atendente** e pode ser requisitado custeio do processo pelo paciente, visto que se procura oferecer benefício a ele, transferindo pretensa maior segurança às decisões.

Atualmente as pessoas são melhor informadas e têm melhores condições de analisar *per si* o que lhes é dito pelo médico; não é preciso estimulá-las a buscar informações na Internet...O que é preciso é oferecer bom atendimento, é estabelecer relação que transfira confiança, pelo conhecimento demonstrado e por afeto e atenção indispensáveis – o médico precisa se esmerar a oferecer primeiro atendimento zeloso e competente e não estimular o descrédito dos demais profissionais com acintosos oferecimentos de serviços de segunda opinião.